Contribuição à interpretação do teste de Rorschach – validação das respostas Ban ponderadas – Ban_p *

ANDRÉ JACQUEMIN**

1. Introdução; 2. Objetivo do trabalho; 3. Metodologia; 4. Resultados: apresentação e discussão; 5. Conclusões.

Em trabalho anterior (Jacquemin, 1976), propusemos a ponderação das respostas Ban em função de sua freqüência e de sua especificidade. A atribuição de um valor individual às respostas Ban em função de sua maior ou menor freqüência e de sua especificidade ou não deveria permitir melhor discriminação dos fatores que atuam sobre sua produtividade.

A verificação experimental desta hipótese foi objeto deste trabalho. Os resultados evidenciam que a introdução da ponderação, individualizando cada resposta quantitativa e qualitativamente, discrimina os grupos experimentais estudados e permite uma análise mais precisa de sua significação.

Em decorrência disso, melhor aproveitamento poderá ser obtido com os dados referentes ao fator Ban, no sentido da personalização dos resultados de cada sujeito.

1. Introdução

Em trabalho anterior (Jacquemin, 1976), após uma discussão crítica acerca da resposta Ban e dos problemas relativos à sua determinação, introduzimos a noção de ponderação dessas respostas, noção que visa avaliá-las de modo mais individualizado e tornar mais objetiva a sua interpretação, contribuindo assim para um aprimoramento da avaliação do teste de Rorschach.[1]

A receptividade a estas idéias pôde ser verificada quando foram comunicadas no II Seminário Latino-Americano do Psicodiagnóstico de Rorschach e outras Técnicas Projetivas (São Paulo, 1976), o que motivou a realização deste trabalho, que procura validar a significação das respostas Ban ponderadas – Ban_p.

* Tese de livre-docência apresentada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP), 1979. (Apresentada à Redação em 6.4.81.)

** Professor livre-docente junto ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. (Endereço do autor: Rua Guaratã, 370 – Jardim Recreio – Ribeirão Preto, SP.)

[1] Inspirado nos trabalhos de Bloom (1962), Griffin (1957), Piotrowski (1957), Tarantino (1970), atribuímos valor diferenciado às respostas Ban em função da sua freqüência de aparecimento em um grupo dado e em função de sua especificidade (introduzimos a noção de Ban específica – Ban, que corresponde às respostas que obtêm uma freqüência estatística por si mesmas e numa só localização e a noção de Ban reagrupada – Ban_r, que é obtida pelo agrupamento das respostas em função da localização, do conteúdo e da semelhança de percepto.

2. Objetivo do trabalho

O propósito fundamental deste trabalho é procurar verificar experimentalmente até que ponto a introdução da ponderação das respostas Ban em função de sua freqüência e especificidade permite melhor discriminação das variáveis que sobre ela atuam.

Para a maioria dos autores, as respostas Ban representam a capacidade de adaptação intelectual do sujeito e sua integração com o pensamento da coletividade. Considerando-se então que as respostas Ban podem sofrer influência determinante dos fatores intelectuais, verificaremos como a nova conceituação introduzida a respeito de Ban – Ban_p se apresenta em grupos experimentais previamente controlados neste aspecto (veja metodologia).

Em função destas considerações, tentaremos verificar as seguintes hipóteses:

A. Os sujeitos com nível intelectual inferior terão tendência a produzir um número maior de respostas Ban que os sujeitos de inteligência média; os sujeitos com nível intelectual superior terão tendência a produzir um número igual ou mEnor de respostas Ban que os sujeitos de inteligência média.

B. A análise da resposta Ban baseada sobre a ponderação – Ban_p tenderá a evidenciar uma diferenciação maior entre os grupos quanto a este fator.

C. Os sujeitos com nível intelectual inferior terão tendência a interpretar maior número de respostas Ban com valor elevado e menor número dessas respostas com valor baixo que os sujeitos de inteligência média, o contrário devendo ocorrer com os sujeitos de nível intelectual superior.

D. Os sujeitos com nível intelectual inferior tenderão a fornecer maior número de Ban_e e menor número de Ban_r que os sujeitos de inteligência média, ocorrendo novamente o oposto para os sujeitos com nível intelectual superior.

Finalmente, focalizaremos mais qualitativamente as respostas Ban nos grupos estudados, analisando os seus conteúdos, as respostas mais freqüentes, assim como sua distribuição pelas diferentes pranchas do teste de Rorschach.

3. Metodologia

3.1 Amostra

Dois grupos de sujeitos – grupos experimentais 1 ($N = 25$) e 2 ($N = 28$) – situados na faixa etária de 7 a 8 anos e 11 meses e de ambos os sexos, foram selecionados entre escolares de Ribeirão Preto.

O grupo controle provém de pesquisa anterior e é composto de escolares da faixa etária de 3 a 10 anos e 11 meses "compondo oito subgrupos distintos de idades, apresentando nível de escolaridade e desenvolvimento geral normais, situados na faixa média superior quanto a níveis econômico e intelectual" (Jacquemin, 1977).

Os grupos experimentais apresentam, comuns entre si, características de escolaridade, desenvolvimento geral e nível sócio-econômico, características estas semelhantes também às do grupo controle, obtidas através de um questionário informativo preenchido pelos pais das crianças.

Como se pretendia verificar a influência do fator intelectual sobre a produtividade e qualidade das respostas Ban no teste de Rorschach, foram constituídos grupos distintos de sujeitos, a partir do teste das Matrizes Progressivas de Raven – Escala Especial (1966), respeitados os seguintes níveis:

– G. exp. 1 = sujeitos classificados no nível V, com resultados $\leqslant P_5$;
– G. exp. 2 = sujeitos classificados no nível I, com resultados $\leqslant P_{95}$.

3.2 Técnicas de aplicação e avaliação

Após recebimento dos questionários informativos e respectiva avaliação, para os sujeitos enquadrados nos critérios estabelecidos, realiza-se individualmente:

– um contato inicial para estabelecimento do *rapport*, execução de desenho livre e aplicação do teste de Raven – Escala Especial;
– obtidos os resultados intelectuais correspondentes aos limites de um dos grupos experimentais, numa segunda sessão aplicava-se o teste de Rorschach, tomando-se por base as recomendações de Beizmann (1961), Loosli-Usteri (1965) e Jacquemin (1977).

Os resultados do teste de Raven foram avaliados utilizando-se as normas originais. Os testes de Rorschach foram avaliados seguindo a nomenclatura francesa introduzida por Ombredane e Canivet (apud Anzieu, 1960). Para avaliação das respostas Ban e seus valores ponderados utilizou-se a lista obtida anteriormente com o grupo controle (Jacquemin, 1977).

3.3 Tratamento dos resultados

As hipóteses levantadas foram testadas através de análise estatística de acordo com as características dos resultados. Para o cálculo das diferenças entre as médias Ban e Ban_p nos grupos estudados, utilizou-se o teste t de Student (Faverge, 1966), nível de significância igual a 0,05.

Para a determinação dos valores Ban_p que seriam considerados elevados ou baixos, calculou-se os intervalos de confiança:

$$\left(\bar{X} - t\frac{s}{\sqrt{N}},\quad \bar{X} + t\frac{s}{\sqrt{N}}\right),$$

onde:

$\bar{X}$ = média amostral de Ban_p
t = valor tabelado para o nível considerado
s = desvio padrão amostral
N = tamanho da amostra.

Os intervalos de confiança foram estimados ao nível de confiança de 0,95.

Para testar a distribuição das freqüências de respostas Ban nos intervalos de confiança determinados, usou-se o teste de X^2, nível de significância igual a 0,05.

O mesmo teste foi também usado para verificar a distribuição das freqüências de respostas Ban_e e Ban_r.

Finalmente, estabeleceu-se entre os grupos estudados comparações qualitativas referentes ao tipo de respostas Ban produzido, assim como sua distribuição nas diferentes pranchas do teste de Rorschach.

4. Resultados: apresentação e discussão

4.1 Resultados médios Ban e Ban_p nos diferentes grupos

No quadro 1, apresentamos os resultados médios obtidos pelos sujeitos dos grupos controle e experimental 1 e 2 quanto ao fator adicional Ban e sua nova conceituação Ban_p.

Quadro 1

Valores médios e desvios-padrão das Ban e Ban_p nos grupos estudados

		G. cont.	G. exp. 1	G. exp. 2
Ban	$\bar{X}$	3,7	3,9	3,3
	s	1,2	1,0	1,0
Ban_p	$\bar{X}$	6,1	7,1	5,1
	s	1,7	1,9	1,9

Observa-se que os valores Ban médios dos grupos experimentais 1 e 2 aproximam-se bastante do valor médio obtido pelo grupo controle (valores t: G. controle – G. exp. 1 = 0,80; G. controle – G. exp. 2 = +1,68). Quanto aos valores médios Ban_p, nota-se diferenças significativas entre os mesmos nos grupos estudados (valores t: G. controle – G. exp. 1 = –2,78; G. controle – G. exp. 2 = +2,94).

Enquanto a conceituação tradicional do fator Ban, atribuindo de maneira unilateral valor 1 a cada resposta, não consegue então diferenciar os grupos estudados em função da variável intelectual, a introdução da ponderação baseada sobre a freqüência de aparecimento da Ban e sobre a sua especificidade, individualizando o valor de cada resposta, proporcionou uma discriminação das médias dos grupos no sentido de indicar maior ou menor grau de convencionalismo ideativo dos grupos experimentais 1 e 2, respectivamente. Com potencial intelectual inferior, os sujeitos do grupo experimental 1 percebem e interpretam com freqüência significativamente superior os conteúdos mais evidentes e comuns, que independem de maior capacidade associativa e ideativa. No grupo experimental 2, tais interpretações também ocorrem, porém numa freqüência significativamente menor, implicando adaptação social e intelectual de certo modo menos convencional.

4.2 Distribuição das respostas Ban nos diferentes grupos em função da ponderação Ban_p

O quadro 2 apresenta os resultados Ban seguidos dos respectivos valores Ban_p.

Quadro 2

Freqüência e percentagem das respostas Ban e valores Ban_p nos grupos estudados

Prancha	Respostas Ban		G. cont.		G. exp. 1		G. exp. 2		Ban_p
	Ban_e	Ban_r	f	%	f	%	f	%	
I	Borboleta		80	4,5	6	6,1	4	4,3	1,5
	Morcego		95	5,4	10	10,2	3	3,3	1,6
		Aves	100	5,6	2	2,0	3	3,3	1,2
III		Seres humanos	194	11,0	7	7,2	12	13,1	1,7
	Borboleta		124	7,0	8	8,2	6	6,5	1,8
		Fita, laço	93	5,3	1	1,0	4	4,3	1,1
V	Borboleta		185	10,4	16	16,3	6	6,5	2,1
	Morcego		128	7,2	6	6,1	14	15,2	1,8
		Aves	81	4,6	4	4,1	6	6,5	1,0
VI		Pele, tapete	82	4,6	–	–	4	4,3	1,0
VII		Seres humanos	81	4,6	–	–	2	2,2	1,0
VIII		Animais em atividade	96	5,4	5	5,1	15	16,4	1,1
		Animais	288	16,3	19	19,4	6	6,5	2,2
X	Aranha		144	8,1	14	14,3	7	7,6	1,9

Para verificar agora a distribuição das respostas Ban nos grupos, em função da ponderação das mesmas, determinamos os intervalos de confiança para a ponderação média, nível de confiança igual a 0,95.

Sendo $\bar{X} = 1,6$
$s = 0,45$
$N = 14$
$t = 2,16$

Resultam os respectivos limites de confiança:

- limite inferior: 1,3
- limite superior: 1,9

Tomando por base estes valores limites, obtém-se a distribuição de respostas Ban constante do quadro 3.

Quadro 3

Distribuição das respostas Ban em função dos limites de confiança nos grupos estudados

	Prancha	Respostas Ban	G. cont.		G. exp. 1		G. exp. 2	
			f	%	f	%	f	%
> 1,9	VIII	Animais	288	16,3	19	19,4	6	6,5
	V	Borboleta	185	10,4	16	16,3	6	6,5
	X	Aranha	144	8,1	14	14,3	7	7,6
		Total	617	34,9	49	50,0	19	20,6
< 1,3	I	Aves	100	5,6	2	2,0	3	3,3
	VIII	Animais em atividade	96	5,4	5	5,1	15	16,4
	III	Fita, laço	93	5,3	1	1,0	4	4,3
	VI	Pele, tapete	82	4,6	–	–	4	4,3
	V	Aves	81	4,6	4	4,1	6	6,5
	VII	Seres humanos	81	4,6	–	–	2	2,2
		Total	533	30,1	12	12,2	34	37,0

Observa-se que nos grupos experimentais 1 e 2 as percentagens de respostas Ban com valores ponderados $\geqslant$ ou $\leqslant$ ao valor dos limites de confiança apresentam-se de modo bem diferente daquele do grupo controle. Os valores de X^2 obtidos na comparação estatística da distribuição das freqüências de Ban nos três grupos são apresentados no quadro 4.

Quadro 4

Valores dos χ^2 obtidos na comparação da distribuição das freqüências de Ban nos três grupos em função dos limites de confiança

		G. cont. – G. exp. 1	G. cont. – G. exp. 2
χ^2	$\geqslant 1,9$ / $< 1,9$	9,75**	8,53**
	$\leqslant 1,3$ / $> 1,3$	14,94***	1,94

** $p < 0,01$
*** $p < 0,001$

A análise destes resultados permite as seguintes considerações:

1. No grupo experimental 1 há uma forte concentração de freqüência de respostas Ban (50%) com valores $\geqslant$ ao limite superior do intervalo de confiança e uma produtividade bem reduzida (12,2%) de respostas Ban, cujos valores ponderados são $\leqslant$ ao limite inferior de confiança. Os valores de X^2 significativos mostram que existe uma relação consistente entre o nível intelectual dos sujeitos e os valores Ban_p, confirmando as observações levantadas. Tais resultados corroboram então as afirmações de Beck (1967) relativas à produtividade de respostas Ban

em sujeitos com inteligência inferior. Com efeito, para ele, estes sujeitos, devido às suas limitações perceptivas e associativas, percebem com maior facilidade as respostas mais pregnantes. Como Beck não distingue níveis nas respostas Ban, iremos além, dizendo que estes sujeitos percebem as mais pregnantes e as mais freqüentes das respostas Ban, em detrimento das menos habituais.

2. Nos sujeitos de inteligência superior, grupo experimental 2, observa-se uma diminuição acentuada de respostas Ban com valor $\geqslant$ ao limite superior de confiança e um leve aumento do número das respostas Ban com valor $\leqslant$ ao limite inferior. Os valores de X^2 obtidos mostram a existência de uma independência parcial entre o nível intelectual e os valores Ban_p. Estes resultados indicariam que estes sujeitos demonstram possuir certa independência de pensamento e maior flexibilidade ideativa, sem entretanto apresentar um inconformismo intelectual e um pensamento não-convencional.

4.3 As respostas Ban_e e Ban_r

Outra abordagem a respeito da resposta Ban refere-se a sua especificidade – Ban_e – e a seus reagrupamentos – Ban_r. A distribuição das respostas Ban em função destes aspectos é apresentada no quadro 5.

Quadro 5

Distribuição das Ban_e e Ban_r nos diferentes grupos

Respostas Ban	G. cont.		G. exp. 1		G. exp. 2	
	f	%	f	%	f	%
Ban_e	756	42,6	60	61,2	40	43,4
Ban_r	1.015	57,4	38	38,8	52	56,6

A análise destes dados mostra uma semelhança quase perfeita entre os grupos controle e experimental 2, quanto à produtividade de Ban_e e $BBan_r$ ($X^2 = 0,05$). O grupo experimental 1, entretanto, apresenta uma distribuição de respostas bastante diferente, produzindo um número maior de Ban_e e menor de Ban_r que o grupo controle ($X^2 = 12,63$).

Considerando-se o significado atribuído a Ban_e e Ban_r, ou seja, maior estereotipia do pensamento para a Ban_e do que para a Ban_r, os resultados globais evidenciados pelo grupo experimental 1 confirmam esta significação.

Os gráficos 1 e 2 permitem uma análise mais específica em relação à distribuição das respostas Ban_e e Ban_r pelas diferentes pranchas do teste nos três grupos.

Observa-se então que:

– nas pranchas I, III e V, onde coexistem os dois tipos de respostas Ban, as Ban_e predominam sempre sobre as Ban_r no grupo experimental 1, em relação ao grupo controle (gráfico 1);
– nas pranchas VI e VII o grupo experimental 1 não produz as respostas Ban_r, e na prancha X a Ban_e "aranha" é quase duas vezes mais freqüente que no grupo (gráfico 2).

Tais resultados reforçam ainda mais o grau de conformismo intelectual dos sujeitos do grupo experimental 1.

Gráfico 1

Distribuição das respostas Ban_e e Ban_r pelas pranchas onde ambas aparecem

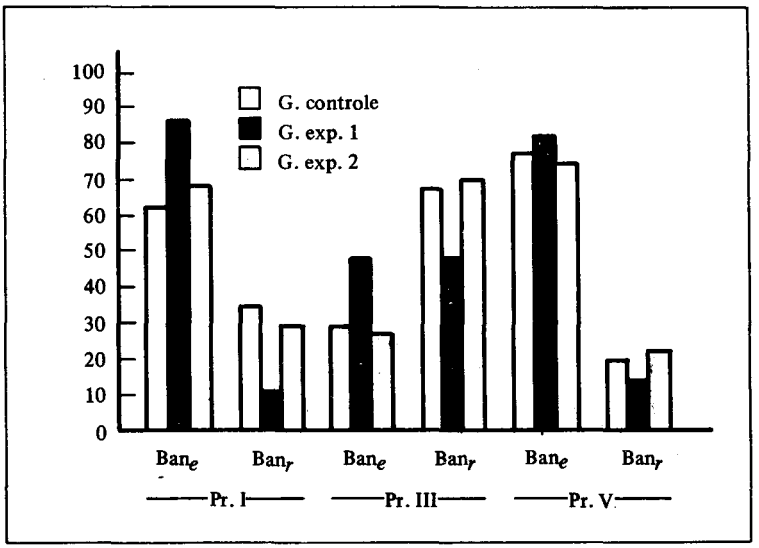
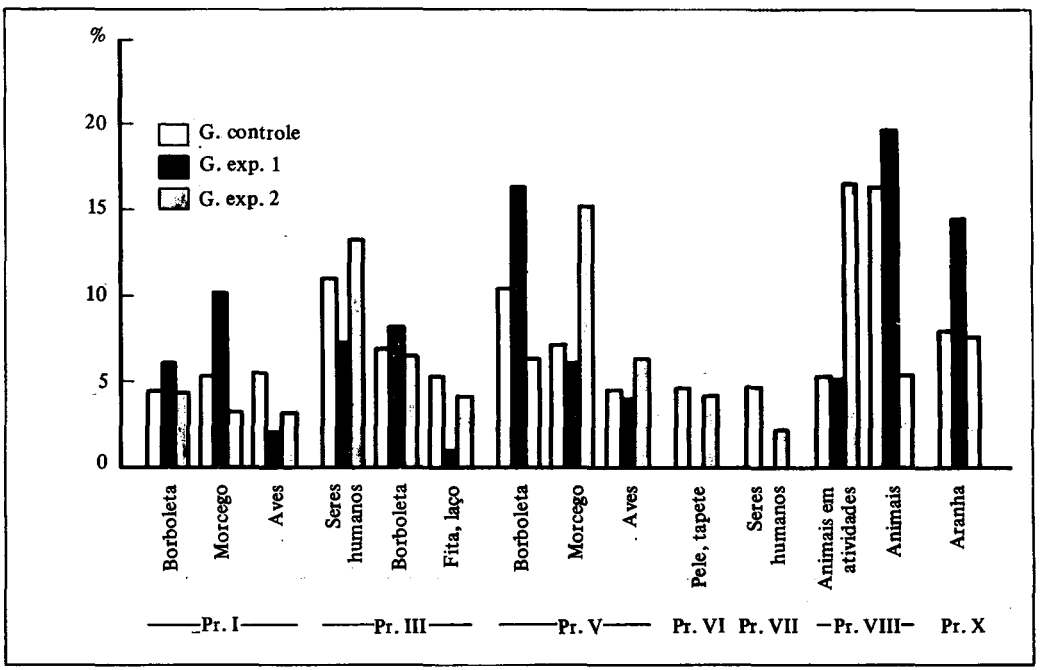


Gráfico 2

Distribuição percentual de cada resposta Ban fornecida em cada prancha, nos diferentes grupos



Quanto ao grupo experimental 2, poder-se-ia esperar maior número de respostas Ban_r do que ocorreu, pois a maior flexibilidade ideativa do sujeito de nível intelectual elevado poderia aumentar-lhe a amplitude de perceptos, diferenciando-os. Embora isto não tenha ocorrido, uma análise mais detalhada das respostas Ban_e e Ban_r neste grupo evidencia alguns resultados diferentes, que merecem ser destacados:

– das três pranchas que apresentam os dois tipos de Ban, em duas, III e V, as respostas Ban_r são interpretadas com maior freqüência que no grupo controle (gráfico 1);
– na prancha V, enquanto a resposta "borboleta", a mais freqüente das Ban_e e com valor ponderado mais alto (2,1), corresponde no grupo controle a quase 50% das Ban desta prancha, ela representa somente 23% dessas respostas para o grupo experimental 2, que concentra assim suas Ban nas respostas "morcego" e "aves", com valores ponderados inferiores (gráfico 2);
– na prancha VIII, as percentagens de Ban_r são quase iguais nos dois grupos, mas a constituição das mesmas é bem diferente: enquanto no grupo controle a resposta Ban "animais" no detalhe lateral é três vezes mais freqüente que "animais em atividade" no geral (G) ou detalhe lateral mais a parte central superior, resultados inversos são encontrados para os sujeitos do grupo experimental 2 (gráfico 2).

Assim sendo, tais resultados poderiam ser indício de um pensamento mais individualizado desses sujeitos, mas também de capacidade de adequarem suas idéias às convenções de seu grupo social.

4.4 Análise qualitativa da distribuição das respostas Ban

Esta análise é baseada sobre a distribuição geral dos resultados Ban nos diferentes grupos (quadro 2), complementada pelos gráficos 3 e 4.

A análise dos resultados mostra:

– no grupo experimental 1, somente 12 das 14 respostas Ban são encontradas; as Ban "pele, tapete" da prancha VI e "seres humanos" da prancha VII, com valores ponderados mínimos, não são interpretadas por ele (quadro 2). Este fato poderia ser sinal de uma certa pobreza perceptiva e, conseqüentemente, de dificuldade em conseguir maior diversificação de interpretação;
– a produtividade das respostas Ban é concentrada nos conteúdos animais (91,8% para 79,1% do grupo controle – gráfico 3), indicando maior estereotipia do pensamento e menor maleabilidade ideativa. Em conseqüência, os demais conteúdos – humanos e objeto – são reduzidos, sinal também de dificuldade, para estes sujeitos, de diversificarem seus perceptos, assim como de menor possibilidade criativa e maior dificuldade de relacionamento com seus semelhantes;
– as respostas Ban "borboleta", que aparecem nas pranchas I, III e V, e "morcego", nas pranchas I e V, representam quase a metade do total das interpretações (47% para 34,5% do grupo controle – quadro 2), indício ainda de menor capacidade associativa e perceptiva e maior estereotipia do pensamento. Este fenômeno representa também, de certo modo, uma perseveração de conteúdos, sinal de fraqueza dos processos intelectuais;
– no grupo experimental 2, as 14 respostas são percebidas;
– a diversificação de conteúdos é relativamente semelhante à do grupo controle (gráfico 3); a presença dos conteúdos humanos poderia ser sinal de provável capacidade de relacionamento

Gráfico 3

Conteúdos das respostas Ban nos grupos estudados

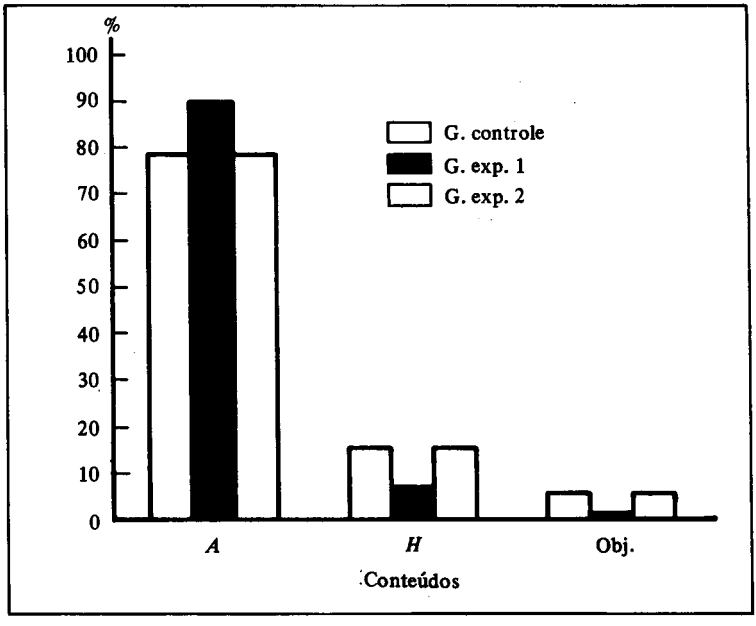
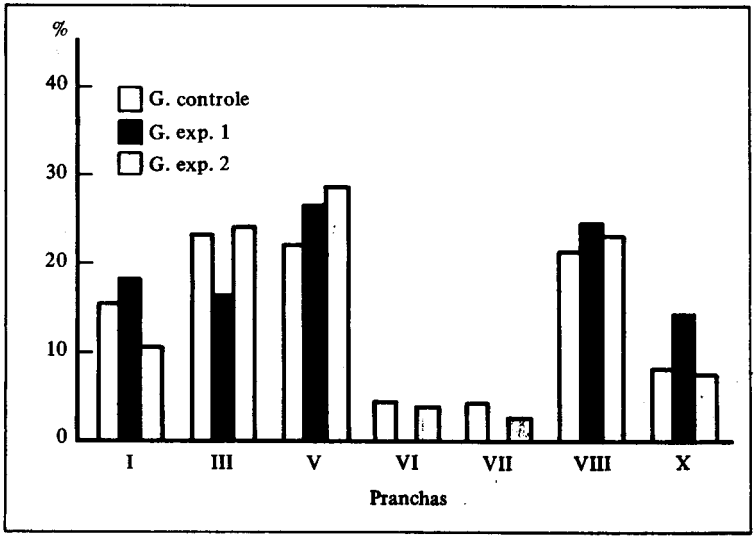


Gráfico 4

Distribuição das respostas Ban, por prancha, nos grupos estudados



humano adequado e de capacidade criadora, visto que o determinante movimento –*K* é subjacente a este conteúdo.
– as respostas Ban da prancha VIII são interpretadas de modo bastante diferente do grupo controle. Enquanto a Ban "animais" no detalhe lateral é pouco produzida em relação ao grupo controle (6,5% para 16,3%), a Ban "animais em atividade", que corresponde a uma interpretação mais elaborada, do tipo *G* secundária ou *D* secundária, é aqui fornecida três vezes mais freqüentemente (16,4% para 5,4%). Este dado é significativo de maior capacidade de combinação e integração dos diversos elementos da prancha e um sinal de inteligência mais desenvolvida.

Uma análise ainda mais detalhada evidencia que:

– a distribuição das respostas Ban no grupo experimental 1 obedece sempre a um mesmo princípio: nas pranchas com várias alternativas, as respostas Ban com maior valor ponderado são sempre as mais interpretadas, enquanto as menos freqüentes são aquelas que tiveram o menor valor ponderado. Se bem que este princípio se encontre também no grupo controle para as pranchas V e VIII, a diferença entre ambos se estabelece no aspecto de maior intensidade destas escolhas nos sujeitos de nível intelectual inferior. Tal consistência no procedimento de escolhas em cada prancha de respostas Ban com valores ponderados sempre maiores, indicaria novamente para estes sujeitos um grau maior de conformismo e estereotipia de pensamento.
– o grupo experimental 2 segue outro princípio: nunca são interpretadas com maior freqüência, numa prancha com várias alternativas, as respostas Ban com valores ponderados mais altos; suas respostas mais freqüentes são sempre aquelas com valores ponderados intermediários ou inferiores. Tais resultados poderiam ser aqui também indícios de menor estereotipia e conformismo intelectual.

Analisando-se agora a produtividade das respostas Ban nas diferentes pranchas (gráfico 4), nota-se que as pranchas III, V e VIII são aquelas que estimulam o maior número de Ban nos grupos controle e experimental 2 (67,9% e 75%, respectivamente). As pranchas V e VIII são também objeto de muitas interpretações Ban pelo grupo experimental 1, mas a prancha III, cujos conteúdos são bastante diversificados – *A*, *H* e *Obj.* – é aqui substituída, em importância, pela prancha I, cujo conteúdo é exclusivamente animal.

Percebe-se então que, qualitativamente, no grupo experimental 1 a distribuição das respostas Ban diferencia-se bastante daquela do grupo controle, de modo a indicar sempre maior estereotipia de pensamento e menor capacidade intelectual, com empobrecimento dos processos perceptivos e associativos. Quanto ao grupo experimental 2, os resultados aproximam-se muito daqueles do grupo controle, evidenciando, entretanto, alguns tipos de respostas mais elaboradas, que denotam maior potencial intelectual.

5. Conclusões

A verificação experimental da validade da ponderação das respostas Ban foi objeto principal deste trabalho. Os resultados indicaram que, com a introdução da ponderação, as médias das respostas Ban nos três grupos diferenciaram-se de maneira significativa, o que não ocorreu com a conceituação tradicional da Ban. Com efeito, os sujeitos do grupo experimental 1 obtiveram uma média Ban_p significativamente superior à do grupo controle, enquanto a média dos sujeitos do grupo experimental 2 apresentou-se significativamente inferior.

Outro resultado bastante significativo da validade da ponderação refere-se à análise da distribuição das respostas Ban efetuada a partir dos limites de confiança do valor Ban_p médio. Enquanto os sujeitos de nível intelectual inferior concentram a metade de suas interpretações nas respostas Ban com valor ponderado elevado e formulam um número mínimo de Ban com valor baixo, os sujeitos de nível intelectual superior reagem de maneira oposta.

A distribuição das Ban_e e Ban_r apresentou-se também bastante divergente entre os grupos controle e experimental 1, tendo o último interpretado maior número de Ban_e e menor número de Ban_r. Por outro lado, se os grupos controle e experimental 2 se assemelham quantitativamente neste aspecto, algumas diferenças qualitativas foram observadas.

A análise qualitativa dos resultados ressaltou a presença de menor diversificação dos conteúdos das respostas Ban e, conseqüentemente, perseveração dos mesmos, com aumento de *A* no grupo experimental 1. O grupo experimental 2 se aproximou bastante, quanto a estes aspectos, do grupo controle, aparecendo entretanto algumas diferenças relevantes.

Todos estes resultados convergem no sentido de indicar para o grupo experimental 1 maior estereotipia do pensamento, menor flexibilidade perceptiva e pobreza associativa, uma submissão mais acentuada às normas do grupo, assim como alguns sinais evidentes de fraqueza dos processos intelectuais. Para o grupo experimental 2, as indicações são de, além de um pensamento mais individualizado para estes sujeitos, capacidade de maior elaboração perceptiva e associativa, capacidade de adaptação às idéias do grupo e um vínculo adequado com a realidade.

Enquanto a conceituação tradicional da resposta Ban, com valor unitário, deixou de considerar diversos aspectos da mesma, a ponderação veio individualizar cada resposta quantitativa e qualitativamente e, em conseqüência, graduar e matizar o seu significado. Em decorrência disso, poder-se-á obter melhor aproveitamento com os dados referentes ao fator Ban, no sentido da personalização dos resultados de cada sujeito.

Résumé

Dans un travail antérieur (Jacquemin, 1976), nous avons proposé de pondérer les réponses Ban en fonction de leur fréquence et de leur spécificité. L'attribution d'une valeur individuelle aux réponses Ban en conséquence de leur plus grande ou plus petite fréquence et de leur spécificité ou non, devrait ainsi permettre une meilleure discrimination des facteurs qui agissent sur sa productivité.

La vérification expérimentale de cette hypothèse a été l'objet de ce travail. Les résultats mettent en évidence que l'introduction de la pondération, individualisant chaque réponse quantitative et qualitativement, discrimine les groupes expérimentaux étudiés et permet une analyse plus fine de sa signification.

Par le fait d'une meilleure utilisation des données relatives au facteur Ban, nous espérons ainsi avoir contribué à l'enrichissement de l'interprétation du test de Rorschach.

Referências bibliográficas

Adrados, I. *Teoria e prática do teste de Rorschach.* Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1967.

Ames, L. B.; Learned, J.; Metraux, R. W. & Walker, R. N. *El Rorschach infantil.* Trad. castelhana. Buenos Aires, Paidós, 1961.

Anzieu, D. *Les Méthodes projectives.* Paris, Presses Universitaires de France, 1960.

Augras, M. Estudos para padrões brasileiros do Rorschach. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, 19* (2): 45-54, 1967.

_____. Exame crítico de alguns problemas metodológicos do teste de Rorschach no meio brasileiro. In: *Primeiras Jornadas Brasileiras sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach.* Rio de Janeiro, Ed. CEPA, 1967. p. 26-9.

_____; Sigelmann, E. & Moreira, M. H. *Teste de Rorschach: atlas e dicionário*; padrões preliminares para o meio brasileiro. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1969.

Beck, S. J. *Le Test de Rorschach.* Trad. francesa. Paris, Presses Universitaires de France, 1967. v. 1.

_____. *Le Test de Rorschach.* Trad. francesa. Paris, Presses Universitaires de France, 1968. v. 2.

Beizmann, C. *Le Rorschach chez l'enfant de 3 a 10 ans.* Neuchatel, Delachaux & Niestlé, 1961.

Bloom, E. The Rorschach popular responses among Hawaiian schizophrenics. *J. Proj. Tech., 26* (2): 173-81, 1962.

Bohm, E. *Manual del psicodiagnostico de Rorschach.* Trad. castelhana. 2. ed. Madrid, Morata, 1968.

Faverge, J. M. *Méthodes statistiques en psychologie appliquée.* 5. ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1966. v. 1.

Griffin, D. P. Psychometric scales for the Rorschach popular responses. *J. Clin. Psychol., 13* (3): 283-7, 1957.

Jacquemin, A. As respostas banalidades – Ban. Problema dos critérios e da ponderação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 28* (4): 97-105, 1976.

_____. *O Teste de Rorschach em crianças brasileiras: pesquisa e atlas.* São Paulo, Vetor Psicopedagógica, 1977.

Klopfer, B.; Ainsworth, M. D.; Klopfer, W. G. & Holt, R. R. *Developments in the Rorschach tecnique.* New York, Harcourt Brace & World, 1954. v. 1.

_____ et alii. *Developments in the Rorschach technique. Fields of application.* New York, Harcourt Brace & World, 1956. v. 2.

Loosli-Usteri, M. *Manual pratico del test de Rorschach.* Trad. castelhana. Madrid/Mexico, Ed. Rialp, 1965.

Piotrowski, Z. A. *Perceptanalysis – a fundamentally reworked, expanded and systematized Rorschach method.* New York, Macmillan, 1957.

Rausch de Traubenberg, N. *La Pratique du Rorschach.* Paris, Presses Universitaires de France, 1970.

Raven, J. C. *Test de Matrices Progressivas – Escala Especial.* Trad. castelhana. 4. ed. Buenos Aires, Paidós, 1966.

Rorschach, H. *Psychodiagnostic.* Trad. francesa. Paris, Presses Universitaires de France, 1962.

Souza, C. C. *O Método de Rorschach.* 2. ed. São Paulo, Vetor Psicopedagógica, 1971.

Tarantino, O. Réponses banales congolaises au test de Rorschach. *Revue de Psychologie Appliquée, 20* (3): 181-201, 1970.

Windholz, M. H. *Rorschach em crianças.* São Paulo, Vetor Psicopedagógica, 1969. v. 1 e 2.